

**LUTAS CORPORAIS: ATOS ANCESTRAIS RITUALIZADOS NAS PINTURAS
RUPESTRES DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA/PI**

CORPORAL FIGHTS: RITUALIZED ANCESTRAL ACTS IN THE ROCK PAINTINGS OF SERRA
DA CAPIVARA NATIONAL PARK/PI

LUCHAS CORPORALES: ACTOS ANCESTRALES RITUALIZADOS EN LAS PINTURAS
RUPESTRES DEL PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA /PI

Leandro Paiva¹

Marcial Cotes²

Michel Justamand³

Gabriel Frechiani de Oliveira⁴

Vitor José Rampaneli de Almeida⁵

Manuscrito recebido em: 26 de março de 2023.

Aprovado em: 16 de julho de 2023.

Publicado em: 21 de julho de 2023.

Resumo

O artigo aborda o ato ritualizado das lutas corpo a corpo (sem armas) dos grupos humanos na história pré-colonial registradas nas pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC), no Piauí. Na metodologia, além de revisão bibliográfica, foram realizadas três expedições de campo conduzidas com intuito de identificação e coleta visual-imagética das pinturas interpretadas como “lutas”. Posteriormente, após vetorização – “decapagem gráfica” –, todo material foi analisado e comparado para identificar padrões gráficos (ou não) nos registros já catalogados. Dentre os sítios percorridos, detectou-se apenas quatro com vestígios rupestres de lutas; sem a utilização de implementos/armas. Em dois – “Extrema II” e “João Arsená” –, os combates sem armas estão situados em cena mais ampla na qual os demais antropomorfos – “indivíduos” – portavam objetos (tacapes, bordunas, propulsores etc.) e adornos (cocares etc.). Entende-se que a investigação demonstra o relevo dos movimentos ali contidos, reveladores de um universo simbólico, onde se verifica a pertinência das cenas rupestres de lutas para quem ali vivia.

Palavras-chave: Pinturas Rupestres; Lutas Corporais; História Pré-Colonial; Ritual.

¹ Doutorando e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas. Pesquisador colaborador da Rede Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Brasil Plural.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6135-4051> Contato: professorleandropaiva@gmail.com

² Doutor em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor na Universidade Estadual de Santa Cruz. Líder do Grupo de Pesquisa Manifestações de Lazer e Aventura na Natureza e integrante do Grupo de Pesquisa em História do Lazer.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6345-3715> Contato: mcotes@uesc.br

³ Doutor em Ciências Sociais-Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6944-5890> Contato: micheljustamand@yahoo.com.br

⁴ Doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3528-2944> Contato: gfrechiani@hotmail.com

⁵ Doutorando em Planejamento e Gestão do Território pela Universidade Federal do ABC. Mestre em Análise Geoambiental pela Universidade de Guarulhos. Mestre em Análise Geoambiental pela Universidade de Guarulhos. Professor na Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8470-2672> Contato: vitalm@gmail.com

Abstract

The article addresses the ritualized act of the human groups' melee fights (without weapons) in the pre-colonial history recorded in the rock paintings in the Serra da Capivara National Park (PNSC), in Piauí. In the methodology, besides bibliographical review, three field expeditions were carried out with the purpose of identification and visual-imagetic collection of the paintings interpreted as "fights". Later, after vectorization - "graphic stripping"-, all the material was analyzed and compared in order to identify graphic patterns (or not) in the already catalogued records. Among the sites visited, only four were found to contain traces of fights without the use of implements/weapons. In two of them - "Extrema II" and "João Arsená" - the fights without weapons are located in a larger scene in which the other anthropomorphic figures - "individuals" - were carrying objects (clubs, staffs, thrusters etc.) and adornments (headdresses etc.). It is understood that the investigation demonstrates the relevance of the movements contained therein, revealing a symbolic universe, where the relevance of the rock scenes of fighting for those who lived there is verified.

Keywords: Rock Paintings; Body Fights; Pre-colonial History; Ritual.

Resumen

El artículo aborda el acto ritualizado de las luchas cuerpo a cuerpo (sin armas) de los grupos humanos en la historia precolonial registrado en las pinturas rupestres del Parque Nacional da Serra da Capivara (PNSC), en Piauí. En la metodología, además de la revisión bibliográfica, fueron realizadas tres expediciones de campo con el objetivo de identificación y recolección visual-imagética de las pinturas interpretadas como "luchas". Posteriormente, después de la vectorización - "graphic stripping"-, todo el material fue analizado y comparado con el fin de identificar patrones gráficos (o no) en los registros ya catalogados. Entre los yacimientos visitados, sólo en cuatro se encontraron rastros de peleas sin el uso de implementos/armas. En dos de ellos - "Extrema II" y "João Arsená" - las luchas sin armas se localizan en una escena mayor en la que las demás figuras antropomorfas - "individuos" - portaban objetos (palos, bastones, propulsores, etc.) y adornos (tocados, etc.). Se entiende que la investigación demuestra la relevancia de los movimientos allí contenidos, revelando un universo simbólico, donde se verifica la relevancia de las escenas rupestres de lucha para los que allí vivían.

Palabras clave: Pinturas rupestres; Luchas Corporales; Historia Precolonial; Ritual.

“Para a consciência moderna, um ato fisiológico – a alimentação, a sexualidade etc. – não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva (que impõe, por exemplo, certas regras para “comer convenientemente” ou que interdiz um comportamento sexual que a moral social reprova). Mas para o “primitivo” um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se, um “sacramento”, quer dizer, uma comunhão com o sagrado” (ELIADE, 2010, p. 20)

Introdução

No texto ora em tela, se entende o ato ritualizado⁶, como um momento em que o indivíduo destina alguma parte do seu tempo, para se desligar das obrigações/trabalho,

⁶ No contexto das lutas corporais, ato ritualizado no sentido de não se relacionar a uma luta com desfecho obrigatoriamente mortal (Ex.: violência individual/coletiva e/ou decorrente de uma briga etc.). Portanto, algo

conectar-se ao sagrado e/ou se dedicar a organizar átimos para descansar da labuta, como por exemplo, usufruir do tempo livre para jogar. Ao deduzir, como sugere Caillois (1990), a expressão «jogo» como uma condição para estabelecer “[...] não somente a actividade específica que nomeia, mas também a totalidade das imagens, símbolos ou instrumentos necessários a essa mesma actividade ou ao funcionamento de um conjunto complexo” (CAILLOIS, 1990, p. 10). Um hermetismo que engloba “[...] admitir que os jogos figurativos desembocam na arte, que os jogos objectivos antecipam o trabalho e que os jogos de competição prevêm o desporto” (CAILLOIS, 1990, p. 194). Isso pode ter ocorrido em todas as épocas da história humana na terra. Por isso, parece relevante, que nos tempos imemoriais vividos pelos grupos nas *terras brasílicas*, da mesma forma, encontraram momentos para suas práticas ritualizadas/recreativas/divertidas, em duplas, trios e coletivamente (GUIDON, 1991). O que sugere a construção de um ambiente socialmente ativo ancestralmente.

Assim, é possível observar que o ato recreativo/divertido tem uma característica especial, para as mais diversas relações sociais, principalmente entre grupos, pois coopera para o desenvolvimento social do ser humano. Algo que deve ter ocorrido no processo evolutivo da humanidade e significa a colaboração ao desenvolvimento da sociabilidade. Desse modo, aventa-se que ter e fortalecer as relações sociais, nesse caso, era imprescindível ancestralmente, e, inclusive, na atualidade. A ritualização (recreação/divertimento)⁷ por meio de algum jogo, como as lutas, pode ter sido um desses caminhos^{8,9}.

mais próximo de um jogo (quicá recreativo/divertido). Inclusive, vale ressaltar que, alinhavados a estas laudas, diversos trabalhos de cunho etnoarqueológico aventaram sobre essa possibilidade (Paiva, 2021; Paiva et al., 2022).

⁷ Aqui, podemos interrogar a categoria recreação/divertimento, pois escapa em período tão recuado decodificar esses registros rupestres de forma tão precisa. Assim, poderia facilmente adentrar na relação êmico (de uma pessoa de dentro da cultura) versus ético (descrição de observador científico) de Harris (1976). Desse modo, algo como, por exemplo, um “jogo recreativo/divertido”, pode refletir mais uma categoria de compreensão do pesquisador. Para aquele grupo pretérito, poderia trazer outros referenciais. Por outro lado, cabe um questionamento: será que “jogo recreativo/divertido” não seria tautológico? Afinal, existe algum jogo que não seja, no âmago, lúdico?

⁸ Bartra (2014, p. 191) em *Antropología del Cerebro*, assevera que “(...) el juego ayuda a construir un conocimiento práctico del entorno, a adquirir y perfeccionar habilidades físicas, a cimentar las relaciones sociales y a afinar tanto la musculatura como el sistema nervioso”.

⁹ Nesse caso, a luta corporal ritualizada conformada pela Longa Duração (*Longue Durée*), ou seja, como fenômeno histórico extremamente longo. Estaria associada às permanências, ao que se mantém na cultura ao longo do tempo (BRAUDEL, 1965).

O presente escrito tem a intenção de colaborar a partir de pesquisas anteriores, interpretações e inferências, sobre a temática da ritualização/recreação/diversão ancestral. Em outros estudos foi possível observar as cenas de artes rupestres do Brasil – vestígios arqueológicos com grande potencial ilustrativo do que pode ter sido a vida cotidiana dos nossos ancestrais – em trabalhos de conclusão de curso de graduação (JUSTAMAND, 2006a; OLIVEIRA, 2007; PAIVA, 2017), de mestrado (JUSTAMAND, 2012; SILVA, 2012; OLIVEIRA, 2014; PAIVA, 2021), de doutorado (JUSTAMAND, 2015; OLIVEIRA, 2018), de pós-doutorado (JUSTAMAND, 2014; 2016; COLLING et al, 2019) e artigos científicos (JUSTAMAND et al., 2022; COTES et al., 2023), que estão a algum tempo investigando as artes rupestres do Brasil com esse prisma. Um pouco dessas pesquisas se preocuparam com a temática, mais especificamente, das cenas rupestres do PNSC-PI.

É possível compreender a partir da leitura desses escritos anteriores, que as artes rupestres, gravuras e pinturas, têm para os autores uma infinita gama de representações¹⁰ em suas cenas de atividades humanas, no período ancestral (JUSTAMAND, 2005; 2006b; 2007a; 2007b; COTES et al., 2023). Como período ancestral, deve-se considerar tudo que antecede a conquista europeia, pelos portugueses nas *terras brasilis* (OLIVEIRA; JUSTAMAND; FUNARI, 2019). Inclusive sobre um lapso temporal factual cometido por Gebara (2005) ao interpretar os primeiros registros de supostas atividades físicas dos povos originais, quando aqui chegou a esquadra de Pedro Álvares Cabral, relatada na carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal em 1500 (cf. COTES et al., 2023).

Em trabalhos de campo (executados em diversas oportunidades no PNSC e publicados), especialmente, sobre as pinturas rupestres, as cenas de caça (BELARMINO, 2019; JUSTAMAND et al., 2020); os diversos animais (QUEIRÓZ et al., 2020); as contribuições das mulheres para vida em sociedade (JUSTAMAND, 2017; ALARCÓN-JIMÉNEZ et al., 2017; BUCO et al., 2020); a presença masculinizada (JUSTAMAND; FUNARI, 2014; JUSTAMAND; OLIVEIRA, 2021); a diversidade das orientações e posições da sexualidade humana e desta com outros animais (JUSTAMAND; FUNARI; ALARCÓN-JIMÉNEZ, 2016; JUSTAMAND et al., 2021; JUSTAMAND et al., 2022a); as lutas corporais (PAIVA, 2019; PAIVA et al., 2022); os enfrentamentos e confrontos grupais (OLIVEIRA et al,

¹⁰ Não se pode desprezar a possibilidade de referenciar narrativas “míticas” / “sobrenaturais” atreladas às cosmologias desses povos pretéritos, constituindo segmento relevante de seu fundo cultural, mas, por outro lado, não se relacionando, necessariamente, com cenas do dia a dia (Paiva, 2021).

2017); a economia ancestral (JUSTAMAND et al., 2022b); os cerimoniais/rituais (JUSTAMAND et al., 2022c); o meio ambiente (JUSTAMAND et al., 2022d); as danças (JUSTAMAND, 2019); nas relações homoafetivas (COLLING et al., 2019; JUSTAMAND et al., 2022a); e na abordagem da cultura corporal do movimento antes do Brasil (COTES et al., 2023). Não obstante, neste texto, serão inquiridas algumas cenas que se pode inferir como atividades ritualizadas ancestrais, como por exemplo, as cenas de lutas corporais (PAIVA et al., 2022) plasmadas nas rochas do parque piauiense.

Nas atividades de campo, que objetivavam as mais diferentes formas de escritas, produções, publicações e interesses, algumas cenas plasmadas nas rochas demandaram atenção mais rigorosa (JUSTAMAND; FUNARI; ALARCÓN-JIMÉNEZ, 2018), que remetem a possibilidade das/os nossas/os ancestrais terem se preocupado com questões que, atualmente, podem ser denominadas como recreação/diversão/lazer etc. Entre elas estão às que são passíveis de sugerir cenas de expressão de lutas e danças. Apesar de considerar que outras cenas podem ter passado despercebidas pelo número elevado de sítios já catalogados – superior a 1.000 – e mais de 30 mil cenas de artes rupestres elencadas. Por esse motivo, sabe-se, que é necessário que outras observações sejam realizadas. De toda forma, para o presente texto foram selecionadas algumas dessas “ribaltas” rupestres que sugerem lutas para a análise e inferências.

A seguir será apresentada uma breve descrição da área de estudo, o histórico do PNSC e ilações a respeito das imagens plasmadas nas rochas da Área Protegida (AP) há milhares de anos.

Área do estudo

O PNSC está situado na região Sudeste do Estado do Piauí (08°26'50" e 08°59'23"S; 42°19'47" e 42°45'51" W). A AP acomoda uma fauna e flora particular do Bioma Caatinga, que se insere no semiárido nordestino e se destaca por suas formações geológicas: serras, vales, cânions, inselbergs e planícies (BARROS et al., 2012). Foi concebido por meio do Decreto Nº 85.548, de 5 de junho de 1979, e dispõe de uma área com 100 mil ha. Posteriormente, no Decreto Nº 99.143, de 12 de março de 1990, foram inseridos outros 35 mil ha com a determinação de Áreas de Preservação Permanentes (GUIDON, 1988).

A portaria do Ministério do Meio Ambiente (MMA) nº 76, de 11 de março de 2005, estabeleceu um mosaico da AP que abrangiam os Parques Nacionais Serra da Capivara e Serra das Confusões interligados a partir de um Corredor Ecológico. Freire (2017) salienta que a partir desse Decreto, as áreas que circundam o Corredor Ecológico totalizam 414 mil ha, compreendendo os municípios de São Raimundo Nonato, Canto do Buriti, Tamboril do Piauí, Brejo do Piauí, São Braz, Anísio de Abreu, Jurema, Caracol e Guaribas – todos localizados no Estado do Piauí (Figura 1).



Figura 1: Localização dos Parque Nacionais Serra da Capivara, Serra das Confusões e dos municípios adjacentes. Fonte: Vitor J. R. Almeida (2023).

Histórico do PNSC

As primeiras notícias a respeito do potencial arqueológico do sudeste do Piauí surgiram em 1963. Fotografias de pinturas rupestres encontradas nos paredões rochosos da Serra da Capivara foram apresentadas à arqueóloga Niède Guidon, quando trabalhava no Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP), pelo então prefeito de Petrolina Luiz Augusto Fernandes. Somente em 1970 a área foi visitada, permitindo a descoberta, nas primeiras expedições, de oito sítios arqueológicos (COTES et al., 2021). Os estudos preliminares indicaram a existência de uma enorme quantidade de pinturas rupestres, assim como sepulturas, restos de cerâmica, artefatos antrópicos de pedra e vestígios paleontológicos (PESSIS, 1994; MARTINS, 2011; ALMEIDA et al., 2017).

Em 1975, Niède Guidon enviou uma carta ao então governador do Piauí, Dirceu Arcoverde. Na correspondência, Guidon expõe, a partir do diagnóstico da equipe de cooperação científica da Missão Franco-Brasileira de Pesquisa, a significância da criação da AP do PNSC. Nesse pedido, reiterado em 1978, após a finalização dos trabalhos de campo e a elaboração de um relatório enviado ao governo brasileiro, a equipe salientava a necessidade da preservação do local, devido à sua enorme riqueza cultural, histórica e ambiental (PESSIS, 1994; MARTINS, 2011; BACKX, 2013; JUSTAMAND, 2007b; OLIVEIRA, 2018; COTES et al., 2021).

Ao validar as relevâncias histórica, ambiental e cultural da região, a UNESCO incluiu o parque na lista do Patrimônio Cultural da Humanidade em 1991. As escavações realizadas na AP do PNSC têm apresentado dados importantíssimos ao estudo do povoamento do continente americano. Pesquisas recentes realizadas no sítio Boqueirão da Pedra Furada, um dos mais antigos do continente, indicam que a ocupação humana na região remonta há mais de 20.000 anos, fornecendo dados e evidências que têm o potencial de questionar as antigas teorias de ocupação das Américas (BOEDA et al., 2014).

Desde a idealização do PNSC, a promoção de uma estrutura turística e a elevação desta para uma atividade econômica significativa à região sempre esteve presente (cf. ANDRADE; GUIDON, 2016; COTES et al., 2021). O expressivo investimento no desenvolvimento das potencialidades turísticas locais seria o melhor modo de estimular a economia das comunidades localizadas no entorno do parque, e, a forma ideal de tornar a AP economicamente autossustentável, isto sem obliterar o esforço ao desenvolvimento educativo proporcionado nas adjacências da AP (cf. COTES et al., 2021).

Com esse propósito, em 1986, um atuante grupo de pesquisadores da missão franco-brasileira, submetidos à coordenação de Niède Guidon, criaram a Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM. A elaboração do plano de manejo do PNSC ficou sob a responsabilidade, em 1988, da FUMDHAM e do então Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, a partir de 1994, e sua administração passou a ser dividida entre os dois órgãos (PESSIS, 1994).

O parque apresenta a maior concentração de sítios arqueológicos com pinturas rupestres do continente americano. Conta com 1.354 sítios cadastrados, dos quais 183 encontram-se preparados para visitação turística, sendo que 16 estão adaptados para receberem deficientes físicos (MARTINS, 2011; COTES et al., 2021). Pesquisas realizadas pela FUMDHAM indicam que essas gravuras estão separadas cronologicamente e delimitadas em espaços geográficos, pois foram elaboradas, de acordo com Justamand (2015), em momentos históricos distintos compreendidos, possivelmente, segundo algumas datações, entre 6.000 e 35.000 anos atrás.

Os sítios arqueológicos catalogados do parque, tem fornecido informações diversificadas sobre as primeiras ocupações humanas na América, pois retratam muitas características de sua existência nos diferentes ecossistemas da região (PESSIS, 2003).

Já as pinturas rupestres registradas apresentam múltiplas cenas do cotidiano, conforme estabelecido por Justamand (2015), possuindo, provavelmente, variadas, ao que parece, funções, revelando que a vida diária dos primeiros ocupantes do país era muito dinâmica. Além do que fornecem indicativos de que houve registro de história, educação, socialização, atividade física – cultura corporal do movimento –, comunicação e religiosidade em tempos pretéritos da História do Brasil.

Ao considerar o número de sítios já cadastrados, os 186 sítios preparados para visitação, a dimensão do parque e o “[...] repertório de conhecimentos educacionais e multidisciplinares sobre a fauna e flora, a geologia, a arqueologia, a megafauna, as pinturas rupestres e a história do homem americano [...]” (COTES et al., 2018, p. 174), necessários para informar com qualidade os visitantes, a partir de 1994, a gestão da AP viu a premência de organizar cursos de formação profissional continuada para capacitar os moradores do entorno do parque para exercer a função de condutores de visitantes. Sistematizados e oferecidos até a atualidade com características educacionais e didático-pedagógicas (COTES et al., 2017a; COTES et al., 2017b; COTES; ALVARENGA; NASCIMENTO, 2020; COTES et al., 2021).

A seguir serão descritos os procedimentos adotados para o levantamento dos dados apresentados e as inferências propostas.

A luta como ato ritualizado

A análise proposta aqui tem fundamento nas dimensões estabelecidas pelos estudos de Pessis (1994; 2003), organizadas em diagrama por Silva (2012, p. 63), com intuito de caracterizar e identificar padrões em pinturas rupestres (Figura 2), seguindo as diretrizes em que propôs classificar essas manifestações pelo reconhecimento cognitivo de forma preliminar hipotética. Desse modo, de acordo com Silva (2012), os principais elementos utilizados ao reconhecimento e caracterização de uma cena de violência/luta são: “divisão do espaço e posicionamento das figuras na cena; movimento de uma figura em direção a outra; movimento rítmico dos braços, pernas e corpo; figuras com alguma parte do corpo atingida indicando a agressão” (SILVA, 2012, p. 51). Vale salientar, nem todos os sítios comportavam cenas de lutas.

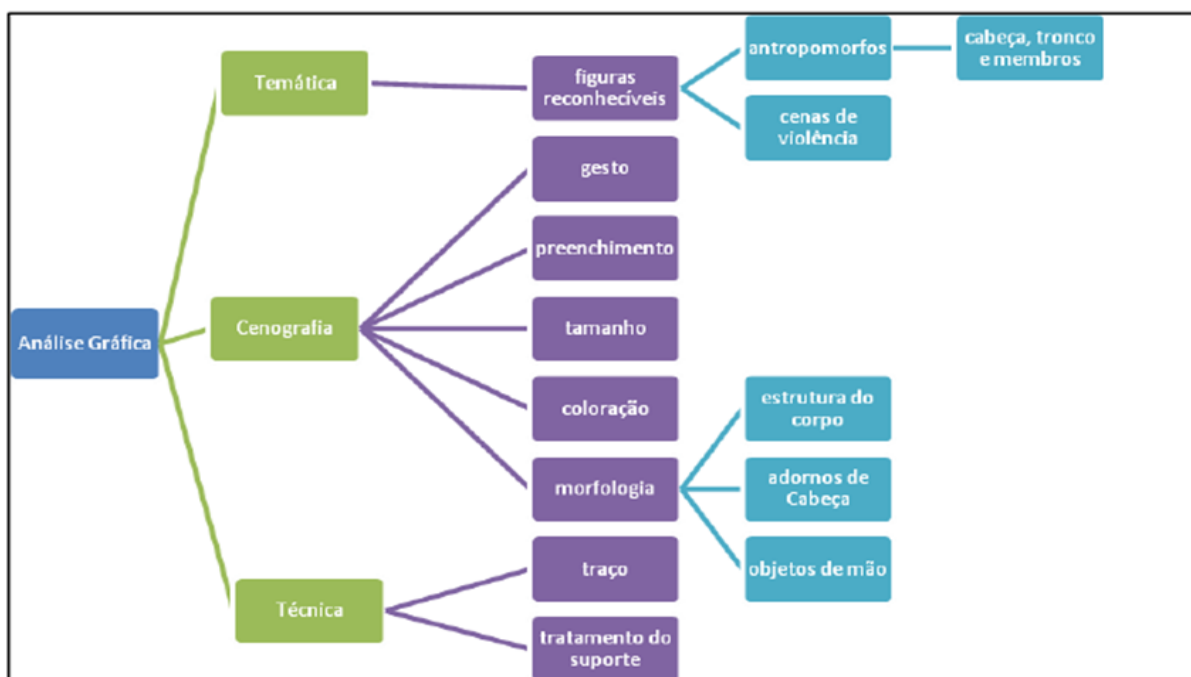


Figura 2: Dimensões (Temática, Cenografia e Técnica) para caracterizar e identificar padrões gráficos em pinturas rupestres. Fonte: Silva (2012, p. 63).

Não obstante, foi relevante acessá-los, presencialmente, para compreensão *in loco* das semelhanças e diferenças gráficas, no que a literatura arqueológica sobre a região classificou de Tradição¹¹, Subtradição¹² e Estilos¹³, refletido em suas respectivas datações.¹⁴

Adicionalmente, não foi difícil perceber, consoante análises publicadas posteriormente (PAIVA, 2017; PAIVA, 2019), que os termos “luta” ou “violência” poderiam denotar referenciais sociais distintos, mas eram tratados no mesmo bojo, em boa parte dos estudos realizados no PNSC. Por exemplo, englobavam, sob a mesma égide, cenas de antropomorfos¹⁵ lutando (portando artefatos/“armas”); combate corpo a corpo (sem portar objetos); execução (violência deliberada em que o antropomorfo antagonista parece não esboçar ação de defesa) etc. Em função disso, a primeira providência, logo após o esforço amostral na coleta desse *corpus* inicial, foi segregar as cenas de lutas corpo a corpo (sem a utilização de objetos/ “armas” e referenciais de “execução”) das demais.

Vale ressaltar análise detida de um desses registros nas figuras 3 e 4 (Paiva, 2018). Essa investigação, particularmente, interessa no escopo deste trabalho. Além da pesquisa de campo exploratória, procedeu-se, posteriormente, revisão bibliográfica e análise imagética. Neste sentido, procurou-se enfatizar a cena de luta registrada no sítio arqueológico “Toca do Nílson do Boqueirão da Pedra Solta”. As datações relativas preliminares se basearam, principalmente, pelo contexto do conjunto arqueológico e domínio estilístico, indicando que pode conter datação¹⁶ de, no mínimo, 9.000 anos A.P.

¹¹ Para uma descrição sumária, “Tradição” se refere à representação visual de todo um universo simbólico primevo (natural e imaginário), que pode ser milenar (PESSIS, 1994, 2003; GUIDON, 1981, 1984). No PNSC, predomina “Tradição Nordeste”, com datação entre 15000 e 6000 anos A.P. (PESSIS *et al.*, 2018). É caracterizada por vestígios reconhecíveis (figuras humanas, animais, plantas e objetos) e os “puros” e/ou “geométricos”, que não podem ser identificados.

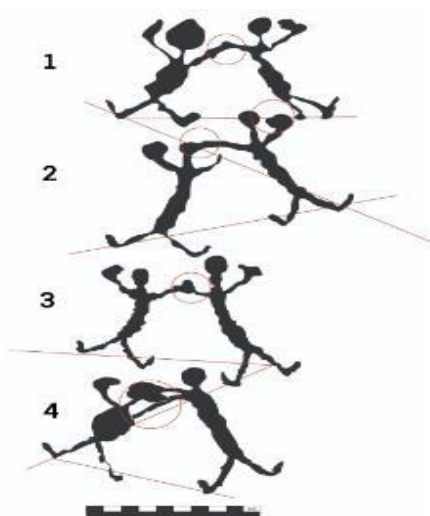
¹² “Subtradição” é uma denominação introduzida para definir um grupo desvinculado de uma tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológico distintos, implicando na presença de novos elementos (IBIDEM).

¹³ A classe mais particular decorrente de mudanças em uma subtradição é denominada de “Estilo”, denotando em diferenciações da técnica e apresentação gráfica, com inovações temáticas refletindo a manifestação criativa de cada comunidade (IBIDEM).

¹⁴ Para os registros rupestres no PNSC, estabeleceu-se cronologia baseando-se em décadas de pesquisa arqueológica, sendo, dentre outras: 1) Estilo “Serra da Capivara” – Datação: entre 15000(?)–12000 até 9000 A.P. (Figuras de contorno fechado; Traços contínuos etc.); 2) Estilo “Serra Branca” – Datação: 9000–6000 A.P. (Figuras humanas preenchidas por traços verticais; Riqueza de adornos e objetos etc.) (Pessis, 2003, 2013; PESSIS *et al.*, 2018). Em referência ao método específico de datação, Pessis *et al.* (2018, p. 43) assevera para o fato de não existir, para pinturas rupestres no PNSC, apenas uma forma de datação. Para se ter confiabilidade, exige “um conjunto de resultados de técnicas diferentes capazes de posicionar, no tempo, a pintura estudada (...)”. Por exemplo, “...quando duas figuras pintadas estão em relação de superposição parcial. A análise da superposição fornece a certeza da ordem de precedência da realização das figuras, permitindo segregar camadas de superposição gráfica”.

¹⁵ Registro rupestre estilizado de figura humana – cabeça, tronco e membros (MARTIN, 2005).

¹⁶ Admitindo o período diminuto datado para o Estilo Serra da Capivara.



Figuras 3 e 4: Detalhe da cena de luta no Sítio Arqueológico Toca do Nílson do Boqueirão da Pedra Solta (à esquerda) e vetorização (à direita). Fonte: Paiva, 2015. (Obs.: brilho aumentado em 20% e contraste em 30% no Word 2013 – Microsoft Office). Vetorização: Luciano de Souza Silva.

Na sequência, elencou-se três hipóteses, após concluírem o trabalho laboratorial de vetorização¹⁷:

- 1 – não ser a continuidade da mesma dupla de antropomorfos, quando vista verticalmente, sendo, de fato, quatro duplas constituídas de oito antropomorfos distintos;
- 2 – cena de luta com possível característica de “jogo” – coloca-se “jogo” entre aspas, pois escapa em período tão recuado decodificar esse registro de forma tão precisa (veja nota de rodapé n.º 7). Assim, não seria contextualizada como de “guerra”¹⁸ (quando comparada a outras imagens dessa temática);
- 3 – em consonância à anterior, não referenciaria aumento da violência em função de possível pressão demográfica local¹⁹. Teria, assim, inferência de possíveis aspectos mítico-ritualísticos.

¹⁷ Também denominada “segregação” ou “decapagem gráfica”. Em resumo, técnica utilizando programa ou software para transformar uma imagem em linhas e pontos essenciais, com a perspectiva de modificar seus elementos separadamente: “...realce automático ou manual das cores (brilho, contraste, saturação, ajuste de níveis por cores). Aplicação de efeitos de curvas de cores para dar destaque às pinturas e realização da elaboração do decalque virtual mediante ferramenta de seleção de cor (editar, rotacionar, mover, recolorir, entre outras mudanças)” (SILVA, 2012, p. 65).

¹⁸ Assim como “jogo”, “guerra” também pode assentar no mesmo problema da nota de rodapé n.º 7, isto é, êmico/ético.

¹⁹ Pessis (2003, 2013) correlaciona o aumento dos registros rupestres de cenas de violência no PNSC à possível pressão demográfica local.

Eliade (2010) nos ensina que o ser humano moderno tem uma atividade inconsciente que não se interrompe em lhe expor incontáveis símbolos. E, cada um destes signos “[...] tem uma certa mensagem a transmitir, uma certa missão a desempenhar, tendo em vista assegurar o equilíbrio da psique ou restabelecê-lo [...]” (ELIADE, 2010, p. 172), numa tentativa de abertura ao universo. Neste sentido, nossos ancestrais poderiam ter utilizado as cenas rupestres num esforço de apresentar ao seu grupo social, aos demais grupos que habitavam a região do PNSC, e, conseqüentemente, ao universo a sua perspectiva de mundo.

Ao adotar outra lente para analisar as cenas das figuras 3 e 4 é possível encadear um paralelo ao que temos na atualidade como um treino de judô/jogo. Onde o sensei/professor organiza seus alunos no dojô – área de luta – em duas fileiras, uma de frente para outra, com o propósito de treinar as entradas de uma determinada técnica. Outrossim, talvez um exemplo ainda mais próximo, seriam as lutas ritualizadas, realizadas no âmbito dos rituais mortuários interétnicos intitulados *Kwaryp*^{20,21}. Ocorrem na Terra Indígena do Xingu – TIX (MT – Brasil Central), na porção conhecida como Alto Xingu. Nessas cerimoniais, após as lutas corporais dos principais representantes de cada povo, sucedem combates coletivos com (até mais de) quatro duplas em atividade, concomitantemente (PAIVA, 2021). Nessa direção, ressalta-se trabalho etnoarqueológico anterior (PAIVA, 2022) em que, um lutador alto-xinguano (assim como alguns membros de seu núcleo familiar), verificou *in loco* os registros rupestres de cenas de lutas no PNSC. Depreendeu(ram) essas cenas (Figuras 3 e 4) como similar à luta ancestral “Huka-Huka”²², praticada até hoje pelos povos do Alto Xingu.²³

²⁰ *Kwaryp* é a denominação consagrada pela etnia Kamayurá (tronco linguístico Tupi) e utilizada largamente por pesquisadores, pelos não indígenas e por indígenas de famílias linguísticas diferentes, quando conversam entre si, em português. A grafia também assume outras formas na literatura, tais como: Quarup, Kwarup, Kuarup etc. (PAIVA; ALBERTI, 2021). Não obstante, não é universal. Os falantes Karib no Alto Xingu, por exemplo, intitulam-no de *Egitsü* (COSTA, 2013).

²¹ Embora o luto inicie após o falecimento do morto, ocorrendo sucessão de rituais, a fase cerimonial que ocorrem as lutas principais é a etapa final, isto é, a que demarca o término do luto. Pois, especificamente no último dia, encerrando todo ciclo-ritual, ocorrem as disputas masculinas interétnicas (PAIVA; ALBERTI, 2021).

²² É comum afirmar-se que esse cognome surgiu em função da onomatopeia dos lutadores no início dos combates, mimetizando o som de uma onça urrando. Esse termo possui variações de acordo com a filiação linguística regional (PAIVA, 2021).

²³ As fontes antropológico-históricas (textuais) mais antigas remontam à 1887, a documentação inicial da “Huka-Huka” (STEINEN, 1940). No entanto, se considerados estudos antropológicos (especialmente em

Sem embargo, conforme reflexão de Pesis e Guidon, essas figuras rupestres podem ser analisadas desde sua dimensão simbólica, como parte de um sistema de representações visuais. Pesis e Guidon as consideram “[...] fonte de informação antropológica, por serem representações gráficas das representações sociais dos grupos étnicos que as realizaram” (1992, p. 20).

Os trabalhos de Pesis (2003; 2013) apontam inferências relacionais das pinturas feitas nas rochas do PNSC com algumas reflexões dos povos indígenas atuais. Especialmente em relação aos rituais, baseia-se pela etnografia existente. Morales Júnior (2002), por sua vez, realizou essa aproximação considerando, principalmente, os rituais de máscaras realizados no Alto Xingu. Enquanto que, os trabalhos de Silva (2012), assentam-se na identificação minuciosa – das pinturas rupestres no PNSC – de variações de adornos (“diademas/cocares”?), e objetos, tais como propulsores, bordunas etc.

Ademais, existe vastíssima literatura (arqueológica, etnológica, histórica e etnohistórica), que referencia esses artefatos aos povos indígenas, antes e durante o encontro colonial. Etchevarne (2009, p. 43), por exemplo, faz alusão sobre a miríade de elementos indígenas encontrados em figuras de antropomorfos na Tradição Nordeste: “cocares, braçadeiras, perneiras, cestas, redes, armas (tacapes, lanças, flechas, propulsores), maracás, sacolas, saiotes, máscaras, entre outros”. E, na contemporaneidade, pesquisadores do Brasil e no mundo estão relacionando as pinturas rupestres ao campo do desporto como é conhecido na atualidade (em contextos urbanizados e/ou nos ditos “tradicionais”). Autores como Cotes et al. (2023), Potapov (2014), Paiva et al. (2022) e Günaşdı e Karcioğlu (2022) fazem inferências de cenas com a ginástica desportiva e acrobática, origem da luta tradicional do Qazaqstão, lutas corporais em registros rupestres no PNSC e esportes equestres, respectivamente.

Na mesma toada, Souza (2019) apreendeu que, esses vestígios refletem determinado contexto sociambiental, e também são “[...] uma forma de representação de parte desse cotidiano e da complexidade dos indivíduos. [...] representa a vida social do grupo, caracterizada por marcadores sociais particulares que podem ser identificados na cenografia” (2019, p. 13).

referência à história oral e/ou às narrativas ancestrais/mitos) e arqueológicos, esses rituais podem ser relacionados à período ainda mais recuado da história desses povos (HECKENBERGER; FRANCHETTO, 2001).

Desse modo, as pinturas rupestres podem apresentar informações quanto aos grupos que habitaram e/ou transitaram pela região do PNSC no período pré-colonial (MARTIN, 2005), da mesma forma que Günaşdı e Karcioğlu (2022). Ainda nos primórdios dos estudos, Guidon (1979) escreveu um artigo detalhando que, dentre as pinturas encontradas, algumas eram baseadas em temas bem definidos, tais como “[...] realização de cerimônias ou cenas de combate” (GUIDON, 1979, p. 4). Nesse caminho, vale citar que, embora Pessis (2003, 2013) considere que o processo de pintura de alguns desses registros possa ter fins lúdicos, sobretudo em períodos mais recuados, majoritariamente, devem ser apreendidos como uma espécie de “escrita” humana, ou melhor, de comunicação social.

Salienta-se que esses trabalhos auxiliaram a criar reflexões sobre as pinturas rupestres com cenas de lutas. Além disso, seguiu-se os passos desses pesquisadores(as), quanto à decisão de acessar, de pronto, os sítios em que estes já haviam atribuídos às cenas como de lutas. No entanto, conforme citado anteriormente, procurou-se ater às cenas em que poderia se inferir característica mais próxima de um “jogo”, privilegiando lutas corporais sem portar objetos. Desse modo, embora o número inicial de cenas fosse superior a dez, para nossa abordagem, afinou-se em apenas quatro.

Vale ressaltar, esse número é extremamente baixo, considerando mais de 900 sítios no PNSC com registros rupestres. Esse fato não passou despercebido pelos arqueólogos. Bucu, por exemplo, registrou que a “[...] temática de violência apesar de ser minoria, são as que mais impressionam...” (SILVA, 2012, p. 434). Silva (2012) asseverou, que, em sua pesquisa “[...] se deparou com a questão do número reduzido de sítios [...]” sobre o assunto, e: “Considera-se um elemento pouco representativo nas manchas gráficas, em proporção ao número e diversidade elevados de grafismos da região da Serra da Capivara (p. 59)”.

Assim, portanto, segue a continuação²⁴ da fração do *corpus* inicial encontrado (Figuras 5-12)²⁵, incluindo vetorização e contextualização complementar.

²⁴ Pois também engloba as Figuras 3 e 4, já apresentadas.

²⁵ Pelo quesito estético, optou-se por não alocar escalas arqueológicas nessas imagens. Contudo, nas análises em si, utilizou-se imagens com escala (nesses casos, cedidas pela FUMDHAM). Assim, conquanto os antropomorfos variavam, aproximadamente, de 3-6cm nos sítios arqueológicos Toca da Extrema 2 e Toca do João Arsená. Na Toca da Fumaça 1 e na Toca do Nílson do Boqueirão da Pedra Solta averiguou-se, aproximadamente, entre 7-15cm.



Figuras 5 e 6: Detalhe da luta corpo a corpo no Sítio Arqueológico Toca da Fumaça I (à esquerda) (Obs.: contraste aumentado em 35% no Word 2013 – Microsoft Office) e vetorização (à direita). Fonte: Paiva, 2015. Vetorização: Nilmon Filho.

A Figura 5 é um registro rupestre situado no sítio arqueológico Toca da Fumaça I (também denominada de Toca da Roça do Sítio da Pedra Furada I) no Circuito do Boqueirão da Pedra Furada (*Front da Cuesta*). No que tange a ação motora representada, conforme veremos adiante, parece ser registro comum no PNSC para representar uma luta corpo a corpo sem objetos nas mãos (“armas”). Um dos antropomorfos promove ação por meio de controle/domínio, suspendendo a outra figura por completo. Esses dois antropomorfos são os únicos lutando, dentre outros registros nesse sítio, de modo que fica latente a não constituição de uma cena de luta coletiva. Ademais, sugere-se, pelo estilo gráfico²⁶, a datação mínima de 9.000 A.P. Esse sítio, que se localiza no município de Coronel José Dias, no entorno do parque, foi registrado em 1973.

A figura 7 detalha cena ampla de luta corpo a corpo com “armas”, e, o recorte referente a figura 9, representa uma luta corpo a corpo sem “armas”, pertencente à mesma cena ampla. Ambas pintadas no sítio arqueológico Toca da Extrema II, no Circuito Serra Branca (Vale da Serra Branca). Registrado em 1973, localiza-se no município de Brejo

²⁶ Figuras simples, sem preenchimento sugerindo pintura corporal, sem ornamento, traços arredondados, pequenas, totalmente preenchidas e com predominância da cor vermelha, atribuí-se pertencimento ao Estilo Serra da Capivara (PESSIS, 2003, 2013).

do Piauí. Esse combate com armas parece ser o ponto central da ação representada como cena coletiva de “violência” em que, no total, 19 antropomorfos compuseram a temática. Número confirmado após a vetorização (Figura 8). Pessis (2003; 2013), admite essa cena de luta ampla no Estilo Serra Branca com datação que, pode abarcar, no mínimo, 6.000 AP²⁷.



Figuras 7, 8 e 9: Cena (ampla) de luta no Sítio Arqueológico Toca da Extrema II (acima, à esquerda), vetorização (acima, à direita) e detalhe da cena (abaixo, no meio), em que dois antropomorfos lutam sem armas. Fonte: Paiva, 2015 (Obs.: contraste aumentado em 50% no Word 2013 – Microsoft Office). Vetorização: Luciano de Souza Silva.

A Figura 10, e o recorte da Figura 12, representam particularidades de possíveis lutas corpo a corpo verificadas no sítio arqueológico Toca do João Arsená, localizado no Circuito Serra Branca, registrado em 1975, localizada no município de João Costa. Embora situada no contexto de uma cena de “violência coletiva”, contendo 29 antropomorfos, confirmados via vetorização (Figura 11), percebe-se diferenciação quando comparada com representações de outros sítios (Ex.: Figuras 5 e 6), pelo fato de o presumível

²⁷ Admitindo o período mínimo datado para o Estilo Serra Branca.

antropomorfo ter sido suspenso pelos braços e não pela cabeça (SOUZA, 2009). Ademais, há ausência do restante do contorno corporal. Silva (2012) aventou hipótese desse registro constar como intrusão às demais figuras; todavia, com o trabalho de vetorização, “[...] evidenciou-se uma continuidade de traço e homogeneidade na cor das figuras” (SILVA, 2012, p. 76). Sem embargo, após análises gráficas (SOUZA, 2009; SILVA, 2012), observou-se semelhança com a cena do sítio Toca da Extrema II (Figura 7). A partir do combate apresentado na Figura 10, referenciou-se o plano de apresentação da cena de “violência coletiva”, num todo. Pessis et al. (2018), confirma essa cena descrita de luta ampla no contexto do Estilo Serra Branca, cuja datação cobre, no mínimo, 6.000 A.P.²⁸



Figuras 10, 11 e 12: Cena (ampla) de luta no Sítio Arqueológico Toca do João Arsená (acima, à esquerda), detalhe da cena (acima, à direita) e vetorização (abaixo, centralizada), em que dois antropomorfos lutam sem armas. Fonte: Paiva, 2015. (Obs.: brilho aumentado em 30% e contraste aumentado em 50% no Word 2013 – Microsoft Office). Vetorização: Luciano de Souza Silva.

²⁸ Admitindo o período mínimo datado para o Estilo Serra Branca.

Vale ressaltar, as cenas dos sítios Toca da Extrema II e Toca do João Arsená, foram inferidas por alguns pesquisadores como de “violência coletiva” ou “guerra”. No entanto, isoladamente, as figuras em luta corpo a corpo (sem armas) desses dois sítios podem ser balizadoras para ilações desse padrão gráfico (PAIVA, 2018). Isto é, talvez pintadas, propositalmente, para diferenciar-se de outros que pudesse confundir a comunicação, tal como, por exemplo, uma dança. Nesses dois locais, esse modelo referencia o plano de apresentação da cena – mais ampla – de “violência coletiva” ou “guerra”. Assim, no entorno da dupla lutando corpo a corpo (sem armas), existem outros antropomorfos com riqueza de adornos plumários (diadema? / cocar?), portando alguns objetos (bélicos e não bélicos) e arremessando outros (Ex.: por meio de propulsores). Nessas duas cenas, alguns antropomorfos são representados atingidos pelos objetos.

Reforça essas considerações o fato de que, na prática, em uma luta corpo a corpo real, ser pouco eficaz, tecnicamente, ação motora em que o antagonista seja suspenso pelos braços e/ou cabeça tal como nessas figuras. Assim, pode ser que essa forma de representação tenha sido escolhida em detrimento de outra que pudesse gerar incerteza na comunicação social. Contudo, salienta-se que, a (de)codificação dessas representações com respectivos significados pertenciam àqueles grupos autores em período muito recuado e não são mais acessíveis.

Não obstante, em contrapartida, vale ressaltar que, os registros presentes nos sítios Toca da Fumaça I e Toca do Nílson, não foram assimilados iguais aos dois anteriores pelos cientistas. Não encontrou-se, na literatura, análise detida sobre as duas figuras lutando na Toca da Fumaça I. Todavia, quanto à cena da Toca do Nílson do Boqueirão da Pedra Solta, Justamand (2015, p. 64), por exemplo, a caracterizou como uma: “Cena de violência”. Entretanto, Buco considerou como “Jogo Lúdico” (BUCO, 2012, p. 451) ou “Duelo” (IBIDEM, p. 481), representando situações de conflito. Ademais, não foi classificada neste texto ora em tela “[...] como cenas de violência porque optamos em observar essa arte como uma representação das distintas atividades rituais e diversos tipos de festas, aonde os jogos, imitando situações de conflito, fazem parte das atividades, uma espécie de treino” (BUCO, 2012, p.480). Esse raciocínio de Cristiane Buco corrobora a analogia²⁹ que

²⁹ Vale ressaltar que, em dada situação espaço-temporal, pode ser temerária explicação baseada tão somente em analogias. Desse modo, essas comparações são apenas para contemporizar e exemplificar, mas não para assumir explicações fulcrais (e continuidades históricas deterministas) desses fenômenos. Ressalta-se que,

este texto fez anteriormente da cena das figuras 3 e 4, seja com um treino de judô/jogo ou com a “Huka-Huka” alto-xinguana.

Adicionalmente, convém ressaltar sua caracterização por ações motoras mistas, isto é, englobando técnicas de percussão (ou “impactantes” – Figura 4, dupla de antropomorfos n.º 2) com as de domínio (ou “agarre” – Figura 4, duplas n.ºs 1, 3 e 4).

Salienta-se que, em ulterior foco de análise, ou seja, quanto à recorrência de padrão gráfico nas cenas de luta corpo a corpo sem armas no PNSC, verificou-se repetição pictórica de ação de domínio ou “agarre”, mas não de percussão (Paiva, 2018). Em outras palavras, reincide³⁰ em diversos sítios (veja Figura 13), antropomorfos em posturas similares³¹ às da dupla n.º 4 (Figura 4), isto é, demarcando domínio pelos braços e/ou cabeça do antagonista, em suspensão. Todavia, seja na literatura arqueológica ou em pesquisas de campo da investigação ora em tela no PNSC (2015 e 2016), somente foi identificada essa cena (Figura 3) com ações motoras mistas³².

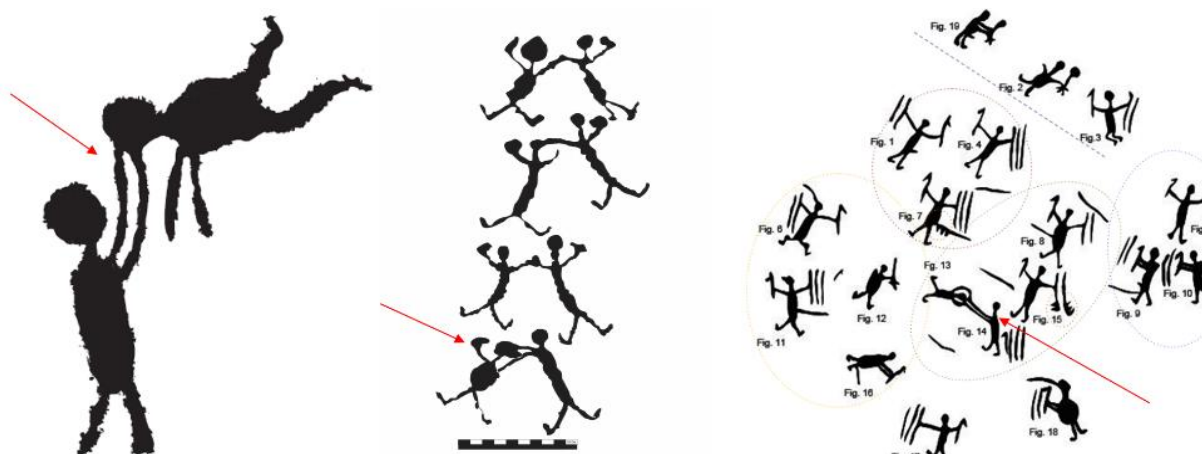


Figura 13: Vetorização das cenas de luta nos sítios arqueológicos (esquerda p/ direita): Toca da Fumaça 1, Toca do Nílson do Boqueirão da Pedra Solta e Toca da Extrema II. As setas vermelhas indicam as figuras e (re)ocorrências em referência ao padrão gráfico de lutas corpo a corpo sem armas (i.e. domínio ou agarre, pela cabeça do antagonista). Vetorizações: Nilmon Filho (Toca da Fumaça 1); Luciano de Souza Silva (Toca do Nílson do Boqueirão da Pedra Solta/Toca da Extrema II).

poderiam ser melhor elucidadas, no caso de associações realizadas pelos lutadores indígenas atuais, por dispositivos mnemônicos (cf. Paiva, 2021).

³⁰ Boas (2017, p. 118), nesse sentido, apresenta uma possível explicação: “Fenômenos semelhantes podem ocorrer porque estão historicamente relacionados ou podem surgir independentemente por causa da identidade da estrutura mental do ser humano”.

³¹ A esse respeito, depreende-se, conforme Pessis (2013, p. 168), que “o sistema de apresentação, do ponto de vista gráfico, evolui muito devagar em relação aos significados”.

³² O que também não exclui a possibilidade de existirem outras no PNSC e ainda não terem sido encontradas.

Outrossim, vale destacar a assertiva de González-Ruibal (2003), quanto às escolhas e usos desses locais para realização de pinturas rupestres, baseando-se pela literatura etnoarqueológica. Para o autor, cumpririam função de conservar no suporte (ou por meio dele) a potência/força sobrenatural presente e/ou evocada. Para González-Ruibal, articulando com Levi-Strauss:

Una de las utilidades de la pintura es intervenir en ritos de curación. [...] Levi-Strauss (1995), cuando habla de la cura chamánica: «se trataría en cada caso de inducir una transformación orgánica, consistente, en esencia, en una reorganización estructural, haciendo que el enfermo viva intensamente un mito – ya recibido, ya producido – y cuya estructura sería, en el plano del psiquismo inconsciente, análoga a aquella cuya formación se quiere obtener en el nivel del cuerpo» (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2003, p. 148-149).

Inobstante, mais uma vez recorremos a Eliade (2010) ao explicitar que, quando estamos em estado exânime, os simbologismos seguem incessantemente nos enviando mensagens com o objetivo de afiançar o reequilíbrio psicológico. Ademais, González-Ruibal cauciona que não se pode tentar compreender os sentidos da arte rupestre, sem considerar a importância do mito para sociedades pré-históricas (ou “premodernas”). Desse modo, “[...] el mito se vive, marca los límites de la experiencia del mundo. Las ceremonias **do povo San, por exemplo, quando** se realizaba arte rupestre eran momentos de materialización y exteriorización del mito en el que vive inmersa la comunidad” (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2003, p. 148-149) (Grifos nosso).

Este raciocínio acompanha Eliade (2010) quando afirma que, a função do “[...] mito é, pois, “fixar” os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação etc. [...]” (p. 87). Desta forma, a conduta do humano deve ser ajuizada, pois “[...] o homem imita os gestos exemplares dos deuses, repete as ações deles, quer se trate de uma simples função fisiológica, como a alimentação, quer de uma atividade social, econômica, cultural, militar etc” (ELIADE, 2010, p. 87). Aqui, similarmente podemos inferir que as lutas perpetradas nas rochas do PNSC poderiam ter esse aspecto de preparo ao embate ou simplesmente o equilíbrio da psique.

De todo modo, as pinturas presentes nos inúmeros sítios da AP, para os autores deste artigo, corroboraram com o conceito de linha de vida de Tim Ingold (2007; 2015), onde nossos ancestrais utilizavam as rochas do PNSC como um diário das relações sociais empreendidas naquele pretérito para abrir as janelas ao Universo.

Conclusões

Nesta pesquisa foi possível observar que não há apenas um padrão gráfico quanto aos registros rupestres de luta corpo a corpo (sem armas) na Área Protegida investigada. Contudo, parece ser comum a representação de um dos antropomorfos realizando ação motora de agarre (ou domínio), suspendendo/sustentando seu antagonista pela cabeça. Assim, ao retornar as hipóteses expostas anteriormente nas ribaltas de agarre discutidas neste texto, se pode sugerir que corroboram a conjecturas de jogo em duplas com possível ausência de violência, mas ainda caracterizada como uma expressão de divertimento/ lazer, ou até um preparo razoável para pugnas.

Ademais, as lutas podem ter sido maneiras encontradas pelos primeiros grupos de habitantes, do PNSC-PI, de se manterem preparados aos desafios do seu cotidiano. Reptos relacionados com caçar, pescar ou disputas com grupos rivais. Em outra direção, pode possuir aspectos socialmente relevantes e desejáveis para membros daqueles grupos, sobretudo atreladas às circunstâncias cerimoniais. Sem embargo, essas considerações aludem para prováveis situações de cunho concreto. Entretanto, não se pode perder de vista que, por outro lado, podem referenciar códigos pertencentes à narrativas autóctones (ou “mitos”) cujos significados nos escapa decodificar.

À epistemologia da Educação Física, em referência às lutas corporais, interessa o fato de ao menos dois registros (Toca da Fumaça 1 e Toca do Nílson) produzirem interpretações no sentido de “jogo” e não de “violência” ou “guerra”, sugerindo, quiça, possível “ludicidade”, como salientado, desde tempos imemoriais. Enquanto que a “ludicidade” perpassou a condição de lutas ritualizadas – nas quais não há necessidade/intenção de se prolongar a peleja até a morte de um dos combatentes. Exemplos que podem ser seguidos e sentidos ainda hoje. Manter-se preparado para as atividades cotidianas baseado no condicionamento físico é recomendado para todas as pessoas nas mais diversas atividades humanas. Sem embargo, é enorme a possibilidade de os (re)significados das lutas corporais terem mudado desde períodos mais recuados. Como diz o ditado, “a única constante é a mudança?” Independentemente de seus usos, contextos, regras, variações, acepções e grupos/povos/etnias alhures, **as ações motoras que configuram uma luta corporal, permaneceram.** Nessa mesma chave sem, necessariamente, intentar a morte do adversário (PAIVA, 2021).

Sob outra perspectiva, conforme nos orienta Caillois (1990), as imagens analisadas podem sugerir o conceito de jogo enquanto um ato recreativo/divertido,³³ tanto no que concerne a possibilidade simbólica do jogo desaguar em arte, como uma forma de preparo à labuta e/ou uma atividade social de desafio alegórico.

Ailton Krenak descreve que cantando, dançando, passando por cima do fogo, seguimos num contínuo, no rastro dos nossos ancestrais (2022). Os registros rupestres seriam tais indícios. Dessa forma, invocar nossa ancestralidade, como tentado aqui, é educar, em especial, as crianças que portam a ancestralidade. Sem esquecer o comentado pelo Papa Francisco, citado pelo autor, sobre a necessidade de resgate de nossas ancestralidades (cf. 2022, p. 95-112). Como buscado nesse anotado. Existiram redes e conexões da humanidade iniciadas com as contribuições ao inconsciente coletivo oferecidas pelos primeiros usuários das produções rupestres. Formando um oceano informacional que não se esgota e se ligariam aos nossos terminais no presente, e, que o entorno da época é o que se vê nessas cenas (KRENAK, 2020).

Dessa forma, fecha-se o texto recordando outro dos anotados de Krenak, quando trata do que significa seu nome: herança recebida dos antepassados, das memórias de origem e que, talvez, as pinturas rupestres, sejam a memória coletiva planetária (KRENAK, 2019), como cita o autor, por estarem espalhadas por todos os continentes. Oferecendo contribuições para se pensar a ancestralidade e suas ligações com nossos imperativos, sentidos e desejos atuais. Por isso, o futuro é ancestral e as pinturas rupestres, em especial as do parque piauiense, são um verdadeiro diário da humanidade aberto ao universo onde podemos perceber nossa propensão ao jogo e o espírito lúdico da espécie humana. Um diário das sociedades pretéritas ou simplesmente a linha da vida desses grupos distantes do tempo presente.

Retomando a epígrafe do início dessa investigação, as cenas de luta/jogo utilizadas aqui não são fenômenos orgânicos/fisiológicos ou tabus, mas retratam as dimensões do jogar com a possível tessitura do sagrado.

³³ Interessante associar essa assertiva retomando Bartra (2014, p. 197), quando afirma que “(...) podemos reconhecer que la actividad lúdica se encuentra estrechamente ligada a los circuitos neuronales. (...) es una tendencia a llenar un vacío, a completar por medio de (...) el juego lo que no es posible lograr mediante impulsos instintivos innatos presentes en las redes cerebrales”.

Referências

ALARCÓN-JIMÉNEZ, A. et al. **Arqueologia do Feminino**: A mulher não é só sexo na Serra da Capivara. O feminino nas pinturas rupestres em São Raimundo Nonato – PI. São Paulo: Alexa Cultural, 2017.

ALMEIDA, V. J. R.; RAMPANELI, A. M.; ETCHEBEHERE, M. L. de C. **Ambientes pré-históricos**: uma interpretação das pinturas rupestres do Serra da Capivara National Park. São Paulo: Prismas, 2017. 187 p.

ANDRADE, S.; GUIDON, N. O primitivo tempo em que vivemos. **Revestrés**. Teresina, 2016. Disponível em: <<http://www.revistarevestres.com.br/entrevista/2962/>>. Acesso em: 01 jul. 2022.

BACKX, I. **Paul Rivet e Paulo Duarte: discursos sobre humanismo e arqueologia no Brasil**. 2013. 159 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

BARROS, J. S. et al. Geoparque Serra da Capivara (PI): Propostas. In: SCHOBENHAUS, Carlos; SILVA, Cassio Roberto da (Org.). **Geoparques do Brasil**: Propostas. Rio de Janeiro: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2012. p.493-542

BARTRA, R. **Antropología del cerebro**. La conciencia y los sistemas simbólicos: Conciencia, cultura y libre albedrío. Fondo de Cultura Económica, 2014.

BELARMINO, V. S. **Caçadores da Pré-história**. Recorrências temáticas nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – PI. São Paulo/Manaus: Alexa Cultural/EDUA, 2019.

BOAS, F. **A mente do ser humano primitivo**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2018.

BOEDA, E. et al. A new late Pleistocene archaeological sequence in South America: the Vale da Pedra Furada (Piauí, Brazil). **Antiquity**, v.88, n.341, p.927-955, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0003598X00050845>

BRASÍLIA. ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Ministério do Meio Ambiente. **Parque Nacional da Serra da Capivara**. 2019. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/idades-abertas-a-visitacao/199-parque-nacional-da-serra-da-capivara>. Acesso em: 29 jun. 2022.

BRAUDEL, F. História e ciências sociais: a longa duração. **Revista de História**, v.30, n.62, p.261-294, 1965.

BUCO, C. A. et al. O papel das mulheres ancestrais nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-PI, Brasil. **Revista Memória em Rede**, v.12, p.245-273, 2020.

BUCO, C. A. **Arqueologia do Movimento**: relações entre arte rupestre, arqueologia e meio ambiente da pré-história aos dias atuais, no Vale da Serra Branca. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil. 2012. 527 p. Tese (Doutorado em Quaternário, Materiais e Culturas) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2012.

CAILLOIS, R. **Os Jogos e os Homens: A máscara e a vertigem**. Lisboa: Cotovia, 1990.

COLLING, L. et al. Questões queer para analisar os registros rupestres com cenas que sugerem práticas sexuais na Serra da Capivara. **Revista de Arqueologia**, v.32, n.1, p.24-41, 2019.

COSTA, C. **Ikindene Hekugu: uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu**. 2013. 350 f. Tese (Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

COTES, M.; ALVARENGA, A. M.; NASCIMENTO, J. V. Attitudinal, Conceptual and Procedural Dimensions of the Knowledge of Trail Guides in National Parks. **Motriz: Revista de Educação Física**, v.26, p.1-6, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1980-6574202000010230>

COTES, M. et al. O legado de Niède Guidon no semiárido brasileiro: a percepção de condutores de visitantes do Parque Nacional Serra da Capivara. **Antípoda. Revista de Antropologia y Arqueología**, v.42, p.179-204, 2021. DOI: <https://doi.org/10.7440/antipoda42.2021.08>

COTES, M. et al. Rock art the body culture of movement before Brazil. **Movimento**, v.29, p.e29002, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.126910>

COTES, M. et al. Necessidades formativas de condutores de visitantes em Parques Nacionais. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v.10, n.4, p.892-917, 2017b. DOI: <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2017.v10.6656>

COTES, M. et al. Perfil sociodemográfico, acadêmico e profissional de condutores de trilhas de longa duração em parques nacionais brasileiros. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.26 n.1, p.167-177, 2018. DOI: <https://doi.org/10.31501/rbcm.v26i1.8435>

COTES, M. et al. Aprendizagem formal, não formal e informal: como condutores de dois parques nacionais estabelecem seu tirocínio. **Movimento**, v.23, n.4, p.1381-1394, 2017a. DOI: <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.75313>

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ETCHEVARNE, C. As particularidades das expressões gráficas rupestres da Tradição Nordeste, em Morro do Chapéu, Bahia. **Revista Clío-Arqueológica**, v.24, n.1, p.41-60, 2009.

FREIRE, N. C. F. **Mapeamento e análise espectro-temporal das Unidades de Conservação de Proteção Integral da administração federal no Bioma Caatinga**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2017.

GEBARA, A. The native Brazilian. In: DACOSTA, L. P. **Atlas of Sport in Brazil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Shape Editora, 2005.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. **Etnoarqueología de la emigración: El fin del mundo preindustrial en Terra de Montes (Galicia)**. Ponterredra: Deputación de Ponterredra, Servizo de Publicacións, 2003.

GUIDON, N. **Peintures préhistoriques du Brésil: l'art rupestre du Piauí.** Paris: Editions Recherches sur les civilisations, 1991.

GUIDON, N. As pinturas rupestres do Piauí. **O Estado de São Paulo.** Suplemento Cultural, v.3, n.147, p.9-11, 1979.

GUIDON, N. As primeiras ocupações humanas da área Arqueológica de São Raimundo Nonato - Piauí. **Revista de Arqueologia – Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB)**, v.2, n.1, p.38-46, 1984.

GUIDON, N. Tradições e estilos da arte rupestre no sudeste do Piauí. In: Exposição Pré-história. **Aspectos da Arte Parietal**, São Paulo/Belo Horizonte: Universidade de São Paulo/Universidade de Minas Gerais, p.9-20, 1981.

GUIDON, N. Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. In: **First AURA Congress**, Darwin, Austrália. p. 5-10, 1988.

GÜNAŞDI, Y.; KARCIOĞLU, U. (2022). Traces of the origin of traditional sports in Çildir Başköy rock art. **Journal of Pharmaceutical Negative Results**, v.13, p.2062–2067.
<https://doi.org/10.47750/pnr.2022.13.S08.255>

HARRIS, M. History and significance of the emic/etic distinction. **Annual review of anthropology**, v.5, n.1, p.329-350, 1976.

HECKENBERGER, M.; FRANCHETTO, B. (Org.) **Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.** Perspectiva: São Paulo, 1999.

INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.** Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, T. **Lines: a brief history.** London: Routledge, 2007.

JUSTAMAND, M. O Brasil desconhecido as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato têm muito a revelar. **Somanlu - Revista de Estudos Amazônicos**, v.19, p.4-24, 2019.

JUSTAMAND, M. et al. Environmental Representations in Rocky Records in National Parks in Southeastern Piauí - Brazil. **Qeios**, v.1, p.1-24, 2022d.

JUSTAMAND, M. et al. A economia ancestral e os registros rupestres. **Revista Anuário Arqueologia**, v.14, p.65-77, 2022b.

JUSTAMAND, M. et al. Aceita que dói menos: as relações homoafetivas presentes nas cenas rupestres do PNSC/PI-Brasil. **SOMANLU – Revista de Estudos Amazônicos**, v.1, p.57-93, 2022a.

JUSTAMAND, M. et al. As representações rupestres e a possível temática zoofílica no Parque Nacional Serra da Capivara-PI/Brasil: um estudo de caso. **Anuario de Arqueología**, v.13, p.65-71, 2021.

JUSTAMAND, M.; FUNARI, P. P. A. Representações da sexualidade e dos falos: nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí, muito antes de 1500. **Sodebrás**, v.9, p.53-56, 2014.

JUSTAMAND, M.; OLIVEIRA, G. F. Os falos nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara / PNSC – PI/Brasil. **Brazilian Journal of Development**, v.7, p.50576-50596, 2021.

JUSTAMAND, M. et al. Tree Ritual: The Magic of Nature-Phytomorphs in PNSC-PI. **Anthropology and Ethnology Open Access Journal**, v.5, p.184-187, 2022c.

JUSTAMAND, M. et al. Os caçadores da pré-história nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí, Brasil. **Revista Memória em Rede**, v.12, p.274-297, 2020.

JUSTAMAND, M. **A mulher rupestre**: representações do feminino das cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí. São Paulo: Alexa Cultural, 2014.

JUSTAMAND, M. As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino. In: GRISOLIO, L. M.; JUSTAMAND, M. (org.). **História e Representação**: cultura, política e gênero. São Paulo: Alexa Cultural, 2017.

JUSTAMAND, M. **As pinturas rupestres na cultura: uma integração fundamental**. São Paulo: Alexa Cultural, 2006b.

JUSTAMAND, M. **As pinturas rupestres na História e na Antropologia: uma breve contribuição**. Francisco Morato: Margê, 2005.

JUSTAMAND, M. **As pinturas rupestres nos livros didáticos de história**. Francisco Morato: Margê, 2006a.

JUSTAMAND, M. **As relações sociais nas pinturas rupestres**. São Paulo: Alexa Cultural, 2007a.

JUSTAMAND, M. **Comunicar e educar no território brasileiro: uma relação milenar**. São Paulo: Alexa Cultural, 2012.

JUSTAMAND, M. **O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí**. São Paulo: Alexa Cultural, 2015.

JUSTAMAND, M. **Pinturas rupestres do Brasil: uma pequena contribuição**. São Paulo: Alexa Cultural, 2007b.

JUSTAMAND, M.; FUNARI, P. P.; ALARCÓN-JIMÉNEZ, A. **Arqueologia e Turismo no Parque Nacional Serra da Capivara/PI**. São Paulo: Alexa Cultural, 2018.

JUSTAMAND, M.; FUNARI, P. P.; ALARCÓN-JIMÉNEZ, A. **Arqueologia da Sexualidade**: representações das genitálias femininas e masculinas nas pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo: Alexa Cultural, 2016.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005.

MARTINS, A. M. F. **Parque Nacional Serra da Capivara: Patrimônio Cultural da Humanidade**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011.
DOI: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9309>

MORALES JÚNIOR, R. **The Nordeste Tradition: Innovation and Continuity in Brazilian Rock Art**. Dissertation of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy at Virginia Commonwealth University, Virginia, 2002.

OLIVEIRA, G. F. **As pinturas rupestres dos Sítios arqueológicos Toca do Martiliano, Toca da Boca do Sapo e Toca da Invenção no Parque Nacional Serra da Capivara - PI: um estudo de caso**. 2014. 150 f. Dissertação (Arqueologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

OLIVEIRA, G. F.; JUSTAMAND, M.; FUNARI, P. P. **Uma história do povoamento do continente americano pelos seres humanos. A odisséia dos primeiros habitantes do Piauí**. São Paulo/Manaus: Alexa Cultural/EDUA, 2019.

OLIVEIRA, G. F. et al. **Arqueologia da Guerra. Representações de conflitos nas cenas de pinturas rupestres no Parque Nacional Serra da Capivara/PI**. São Paulo: Alexa Cultural, 2017.

OLIVEIRA, G. F. **O povoamento do continente americano pelos seres humanos: os discursos de Niède Guidon e Pedro Paulo Funari**. 2007. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2007.

OLIVEIRA, G. F. **Similaridades e diferenças no Complexo Estilístico Serra Talhada da tradição Nordeste de pinturas rupestres no Parque Nacional Serra Capivara - Piauí: Um estudo de caso**. 2018. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjas, 2018.

PAIVA, L. **Joetyk: uma antropologia da luta corporal alto-xinguana**. Dissertação (Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021.

PAIVA, L. et al. Cenas rupestres de lutas corporais no Parque Nacional Serra da Capivara, possíveis interpretações. **Urdimento-Revista De Estudos Em Artes Cênicas**, v.1, p.1-26, 2022.

PAIVA, L. **Luta corporal na pré-história. Ensaio antropológico e histórico**. São Paulo/Manaus: Alexa Cultural/EDUA, 2019.

PAIVA, L. Padrões gráficos nos registros de lutas corporais na Pré-História do Brasil. **Anais do 5º Encontro Nacional de Artes Marciais e Esportes de Combate (ENAMEC)**. Belém: PROPESP/UFPA. v.1, p.1-35, 2018.

PAIVA, L. **Vestígios rupestres de lutas no sudeste do Piauí: produção e difusão científica (1970-2016)**. 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PAIVA, L.; ALBERTI, A. Traços dermatoglíficos de indígenas do Brasil central e as lutas corporais tradicionais. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, v.2, n.2, p.64-75, 2021.

PESSIS, A. **Imagens da Pré-História**. Piauí: Editora FUMDHAM, 2003.

PESSIS, A. **Imagens da Pré-História: os biomas e as sociedades humanas no Parque Nacional Serra da Capivara**. Editora FUMDHAM: Piauí, 2013.

PESSIS, A. Registros rupestres: perfil gráfico e grupo social. **Revista de Arqueologia – Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB)**, v.8, n.1, p.283-289, 1994.

PESSIS, A.; CISNEIROS, D.; MUTZENBERG, D. Identidades Gráficas nos Registros Rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil. **FUMDHAMentos**, v.15, n.2, p.33-54, 2018.

PESSIS, A.; GUIDON, N. Registros rupestres e caracterização das etnias pré-histórica. In: VIDAL, L. (Org.). **Grafismo Indígena: estudo de antropologia estética**. Ed. 2007. São Paulo: Studio Nobel, 1992.

POTAPOV, S. Origin of Kazakh traditional wrestling goes back to ancient history. **Qazaqstan Tarihy**, 2014. Disponível em: <https://e-history.kz/en/news/show/7949>. Acesso em: 12 mar. 2020.

QUEIROZ, A. N. et al. O pampatherium sp. nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – PI, Brasil. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências**, v.3, p.1013-1023, 2020.

SILVA, L. de S. **Padrões de apresentação das cenas coletivas de violência humana nas pinturas rupestres pré-históricas da área arqueológica do parque nacional Serra da Capivara-PI**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SOUZA, L. **Caracterização das cenas de guerra da subtradição várzea grande na área arqueológica da Serra da Capivara – PI**. 2009. 79 f. Monografia (Arqueologia e Preservação Patrimonial) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, 2009.

STEINEN, K. V. D. **Entre os aborígenes do Brasil Central**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1940.